

## **O QUE PODE O CORPO?**

REPENSANDO SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO EM WINNICOTT

Christiana Paiva Oliveira

Lara Rosa Cobucci

Maria Paula Magalhães

WHAT CAN THE BODY DO? Rethinking sexuality and gender identity in Winnicott

¿QUÉ PUEDE HACER EL CUERPO? Repensar la sexualidad y la identidad de género en Winnicott

### **RESUMO**

O corpo é um espaço de interação e expressão da psique, como sugere Winnicott. Ele destaca a importância da integração entre corpo e mente para o desenvolvimento saudável do sujeito, enfatizando que um ambiente adequado facilita a personalização e a adaptação à realidade. Essa relação contínua entre corpo e psique é fundamental para o amadurecimento emocional e a construção da identidade. O texto discute a escuta analítica no contexto da transexualidade, destacando a importância de reconhecer o sofrimento psíquico associado à disforia de gênero, exemplificado pelo caso de Lara, personagem trans do filme “Girl” (2018). O artigo defende que a identidade de gênero não está intrinsecamente ligada ao corpo, sendo influenciada por construções sociais que perpetuam estigmas e normatizações. Logo, a psicanálise tem o papel de desafiar essas normas, contribuindo para que os sujeitos expressem suas identidades de forma autêntica e espontânea, conectando-se com o âmago do verdadeiro Self.

**Palavras-chave:** Transexualidade; Corpo; Psicanálise.

### **ABSTRACT**

The body is a space for interaction and expression of the psyche, as suggested by Winnicott. He highlights the importance of integration between body and mind for the healthy development of the individual, emphasizing that an adequate environment facilitates personalization and adaptation to reality. This continuous relationship between body and psyche is fundamental for emotional maturation and the construction of identity. The text discusses analytical listening in the context of transsexuality, highlighting the importance of recognizing the psychological suffering associated with gender dysphoria, exemplified by the case of Lara, a trans character in the film “Girl” (2018). The article argues that gender identity is not intrinsically linked to the body, being influenced by social constructs that perpetuate stigmas and standardizations. Therefore, psychoanalysis has the role of challenging these norms, helping individuals express their identities in an authentic and spontaneous way, connecting with the core of their true Self.

**Key words:** Transsexuality; Body; Psychoanalysis.

## RESUMEN

El cuerpo es un espacio de interacción y expresión de la psique, como sugiere Winnicott. Destaca la importancia de la integración entre cuerpo y mente para el sano desarrollo del sujeto, enfatizando que un entorno adecuado facilita la personalización y adaptación a la realidad. Esta relación continua entre cuerpo y psique es fundamental para la maduración emocional y la construcción de la identidad. El texto analiza la escucha analítica en el contexto de la transexualidad, destacando la importancia de reconocer el sufrimiento psicológico asociado a la disforia de género, ejemplificado por el caso de Lara, personaje trans de la película “Niña” (2018). El artículo sostiene que la identidad de género no está intrínsecamente ligada al cuerpo, siendo influenciada por construcciones sociales que perpetúan estigmas y normas. Por tanto, el psicoanálisis tiene el papel de desafiar estas normas, ayudando a los sujetos a expresar sus identidades de forma auténtica y espontánea, conectando con el núcleo del verdadero Yo.

**Palabras clave:** Transexualidad; Cuerpo; Psicoanálisis.

## Introdução

“A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa”.

Eduardo Galeano

Corpo, nossa estrutura mais antiga e mais enigmática não cessa de nos surpreender em suas manifestações. O corpo denuncia e desnuda o lugar do real, se impõe enquanto uma realidade palpável, viva e permeável a outros seres. Que corpo é este, que presentificado na realidade é muito mais que nossas sensações fisiológicas? Como diz Galeano, o corpo sim pode ser uma festa, pode se mover e se manifestar de forma sensível, espontâneo em seus gestos, posturas e estabelecer relações onde afeta e é afetado pelo mundo de forma criativa. Um mesmo corpo que pode perder a esperança e também dói, sangra, sofre e é atravessado pela culpa em seu desejo, pela ausência de sensações, por não se sentir em casa e pelo vazio, descrição que cada vez mais se registra em nossos consultórios. Como o próprio Winnicott (1998) nos aponta, a maior solidão é a da ausência de si, nos convidando a refletir sobre a importância de contactar o que há de verdadeiro no sujeito, considerando corpo e mente, a fim de possibilitar um alcance maturacional satisfatório em seu desenvolvimento, escutando-o de maneira ampla e integrada.

Para o autor, corpo e soma não são sinônimos. O ser humano nasce em um soma, porém o corpo só acontece na interação com seu ambiente. Em outras palavras, o soma é o corpo vivo que vai sendo personificado, habitado por uma psique.

Teremos, pois, pensar o desenvolvimento do indivíduo, pensando do início. Eis aqui um corpo, sendo que a psique e o soma não devem ser distinguidos um do outro, exceto quanto à direção desde a qual estivermos olhando. É

possível olhar para o desenvolvimento do corpo ou da mente. Suponho que a palavra *psique*, aqui, significa elaboração imaginária (imaginative) dos elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física. Sabemos que essa elaboração imaginativa depende da existência de um cérebro saudável em funcionamento, especialmente de certas partes do mesmo. A *psique*, entretanto, não é sentida pelo indivíduo como localizando-se no cérebro, ou em outra parte qualquer (WINNICOTT, 1949, p. 334).

Assim, o autor é contrário à ideia de separação entre corpo e mente, apontando a *psique* como uma organização que surge a partir da elaboração imaginativa das funções corporais. Entretanto, Winnicott não considerava *Self* e corpo como naturalmente sobrepostos. Tal sobreposição ocorre com um desenvolvimento saudável, a partir do qual as fronteiras da mente passam a coincidir com os limites da pele. Para o autor, tão importante quanto a integração, é o desenvolvimento da sensação de estar dentro do próprio corpo, que estaria relacionada com a personalização satisfatória (WINNICOTT, 1945/ 1978a). Esta percepção enquanto um esboço do eu se dá em torno dos 4/5 meses onde um ego corporal no caminho saudável do amadurecimento se instala.

Assim como o postulado de Freud, o *Ego* é antes de tudo um *Ego* corporal. Freud estrutura sua metapsicologia ao transformar os dizeres do corpo em palavras, possibilitando o entendimento de que o ego-corporal necessita de *holding* para o *Self* se estruturar. Portanto, o referencial freudiano introduz a importância do corpo para acessarmos o sujeito de maneira mais ampla, como Frochtengarten (2006) aponta “Caso contrário, caso a metapsicologia não fosse esta propulsão à criação, caso ela fosse um sistema bem acabado de lógicas irrefutáveis, estaríamos em nosso dia-a-dia na clínica a reproduzir, vezes e vezes, uma técnica extraída de uma teoria e... só!” (p. 170). Cabe lembrar que para Winnicott (1990) nosso corpo não é vivido como próprio em seu princípio, aludindo à citação de que o bebê não existe: o que temos é uma extensão (do corpo) da mãe.

### **Corpo e desenvolvimento**

A teoria do amadurecimento pessoal é considerada a espinha dorsal do trabalho de Winnicott. Para o autor, todo ser humano é munido de uma tendência inata ao amadurecimento que, na presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons, permite que o indivíduo se integre em um ser unitário e caminhe rumo à independência (DIAS, 2003).

Winnicott (1945/ 1978a) expõe três processos presentes no Desenvolvimento Emocional Inicial, que permitirão a construção de um si mesmo como identidade: 1- Integração; 2- Personalização e 3- Adaptação à Realidade. Para o avanço satisfatório de cada uma dessas etapas, são necessários cuidados específicos:

à integração no espaço e no tempo corresponde o segurar ou sustentar (holding); o alojamento da psique no corpo é facilitado pelo manejo (handling), que é um aspecto mais específico do segurar, relativo aos cuidados físicos; o contato com os objetos é propiciado pela apresentação de objeto (object-presenting) (DIAS, 2003, p. 161).

Para o psicanalista inglês, o ambiente facilitador acontece quando a mãe suficientemente boa (ou o cuidador suficientemente bom), em estado de identificação com o bebê, consegue adaptar-se e satisfazer suas necessidades, sem falhas ou frustrações maiores do que ele pode tolerar naquele momento (WINNICOTT, 1949/1978b). Nesta condição o bebê pode experimentar sua criatividade originária e, através do gesto espontâneo, sentir que criou o mundo, encontrando aquilo que necessita (DIAS, 2003). Por outro lado, o ambiente insuficientemente bom aconteceria quando não há uma adaptação ao bebê, fazendo-o reagir e perturbando sua continuidade de seguir vivendo. Assim, o desenvolvimento inicial satisfatório implica em um “continuar a ser”, isto é, o psicossoma segue por uma linha de desenvolvimento, desde que continue a não ser perturbado (WINNICOTT, 1949/1978b).

A continuidade do ser significa, antes de tudo, saúde. Neste estado, o bebê é capaz de existir de forma contínua, sem interrupções significativas. Winnicott (1990) utiliza a analogia de uma bolha para ilustrar esse conceito: quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo, ou seja, "sendo". Por outro lado, se houver uma diferença significativa de pressão, a bolha reage à intrusão, interrompendo temporariamente seu estado de ser. Assim, a continuidade do ser implica em uma harmonia entre o indivíduo e seu ambiente, permitindo uma existência contínua e saudável, onde as fronteiras corporais se tornam também as fronteiras da psique.

Winnicott destaca que os processos começados no desenvolvimento inicial nunca estão completamente concluídos. Esses processos continuam ocorrendo incessantemente, consolidando posições que podem ser perdidas e recuperadas (WINNICOTT, 1948/2005). Desta maneira, pode-se pensar sobre os movimentos de maior ou menor concomitância entre corpo e mente, assim como a eventuais descontinuidades do ser em diferentes contextos e momentos da vida.

Portanto, pode-se compreender que para Winnicott o ser humano não nasce com uma psique, o corpo como primeira morada se dá pelos braços da figura de cuidado (experiências de handling e holding) surgindo gradualmente um psico-soma. Através destas experiências corpóreas a psique transfigura o soma pela elaboração imaginativa, reunindo assim as memórias destas experiências. De acordo com Dias (2003, p.103):

À medida que o amadurecimento prossegue, estas vão se tornando cada vez mais sofisticadas, e a psique, gradualmente, vai interligando ‘as experiências passadas, as potencialidade, a consciência do momento presente e as expectativas do futuro’ (WINNICOTT 1988, p. 37). É esta operação que fornece sentido ao sentimento de si mesmo, e justifica ‘a nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo’ (WINNICOTT 1988, p. 46).

Logo, a estruturação do Self se baseia nas operações do processo maturacional via sustentação do ambiente, sendo que “O Self encontra a si mesmo naturalmente colocado no corpo, mas pode em certas circunstâncias tornar-se dissociado do corpo, e o corpo do Self.” (SAFRA, 1999, sem p.). O autor enfatiza que o Self se desenvolve pela soma de identificações realizadas pela criança com seus cuidadores, se organizando em uma realidade psíquica viva.

### **Corpo, sexualidade e gênero**

Assim como o desenvolvimento do Self, a sexualidade nasce através das interações realizadas entre a criança e seu meio, sendo o corpo uma noção física e não-física, culminando na questão de Frochtengarten (2006) “Se há prazer no corpo e simultaneamente idéias, trabalho de fantasia, na fantasia, elaboração imaginativa, já não estaríamos na vigência do registro sexual?” (p. 178). Portanto, a dimensão da sexualidade engloba a potencialidade criativa e interativa do ser.

Em nosso desenvolvimento maturacional somos sustentados por sujeitos dotados de sexualidade e erotismo. Sendo assim, como nossos processos identificatórios se dão a partir desse enlace? A autora nos traz pontuações iniciais, fundamentais para o tema:

Aqui temos, no estudo nada simples da sexualidade humana, uma turbulência tipicamente winnicottiana, uma dificuldade no cerne de seu pensamento sobre a sexualidade infantil. Dificuldade gerada, em parte pelo menos, pelo fato de que ele precisou artificialmente, como ele próprio reconhece, isolar o pulsional ou minimizar seu efeito traumatizante para poder ressaltar a importância das necessidades psíquicas. (FROCHTENGARTEN, 2006, p. 179).

Apesar das colocações da autora, temos em O brincar e a realidade de Winnicott (2019) um capítulo dedicado aos elementos masculinos e femininos que estão cindidos nos

sujeitos, independentemente de seu sexo. Podemos ou não ter contato direto com esse lado cindido, que faz parte de nossa constituição psíquica, relacionando-se com a ideia da bissexualidade. Para exemplificar tal proposição o autor descreve um caso clínico:

Um homem de meia idade, casado e com filhos, chega ao seu consultório após ter experienciado anos de análise com diversos terapeutas. Dizia sentir que algo o impedia de largar a análise em sua vida; aspecto revelado durante o processo de análise com Winnicott relacionado ao seu lado feminino. Ao mencionar na sessão sobre a inveja do pênis, o analista afirma para o paciente que ele estava escutando uma menina, mesmo sabendo que o paciente era homem - e destaca que ouvir o lado feminino em alguém do sexo masculino não necessariamente remete à homossexualidade. O paciente recebe bem a interpretação e menciona que se tivesse falado para alguém sobre essa menina, ele seria visto como louco. Winnicott o acolhe e afirma que o louco ali é ele, pois ele é quem vê a menina, produzindo o efeito do paciente se sentir são em um ambiente louco, tendo finalmente os seus dois lados escutados: o masculino e o feminino. Ao explorar o caso, o analista descobre que a mãe desse homem o cuidava como uma menina, passando a organizar suas defesas com base no desejo da mãe. Na sessão seguinte o paciente volta gripado e Winnicott pontua sobre esse adoecimento ser um protesto do Self feminino que invejava seu lado masculino, concluindo que o único fim para a análise dessa menina seria a descoberta de que esse homem é menina, sendo algo impossível. Diante de tal interpretação o paciente não sente mais que sua análise seria interminável.

O autor traz o caso em questão para refletir sobre o mecanismo da dissociação e também sobre a bissexualidade, nos servindo aqui para pensar questões de gênero, afinal “[...] o paciente sentia que tinha um relacionamento comigo e esse sentimento era extremamente vívido, pois tinha a ver com a identidade” (Winnicott, 2019, p. 100). Sendo assim, a noção de identidade ligada ao feminino se relaciona com o seio e a mãe suficientemente e insuficientemente boa. Já os elementos masculinos são ligados ao impulso relativo aos objetos (Ibid., p. 112). Logo, tais categorias são a base necessária para o sentimento de Self.

O senso de identidade é conquistado ao longo do tempo, de acordo com o processo maturacional da criança. Este senso comporta o sentimento vital de si mesmo, relacionando-se com a sensação de segurança pessoal e, quando questionado ou não aceito, traz sensação de ameaça ou descontinuidade para o ser. Desse modo, o sujeito encontra a si quando encontra o objeto que satisfaz suas necessidades: aspectos observados na descrição do caso supracitado, no qual o paciente não sente mais que sua análise seria interminável, afinal pôde ser escutado

em sua integralidade. A comunicação verdadeira entre paciente e analista sugere a escuta de seu verdadeiro Self através da disponibilidade afetiva do terapeuta, interesse genuíno, capacidade de amar e de integrar aspectos cindidos, promovendo amadurecimento e senso de realidade. Além disso, o caso nos aponta que as diferenças constituintes existentes entre os sujeitos não se resumem às distinções anatômicas, mas englobam os manejos realizados nos cuidados e os desejos das figuras parentais desde os primórdios.

### **Corpo e transidentidade**

Ao passo que sexualidade diz respeito aos padrões de atração sexual, desejo e relacionamentos, o gênero se refere aos papéis, comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres, tendo como referência um modelo binário. Dentre as identidades de gênero, cisgênero é um termo usado para descrever pessoas cuja identidade corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento, enquanto transgênero é um termo que descreve pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído ao nascer (DE JESUS, 2012). Além destes termos, outros são utilizados para descrever as diferentes expressões de identidades não cis, como gênero fluído e não binário.

Butler (2003), traz a ideia de que o gênero não é uma essência fixa, mas sim uma performance socialmente construída por uma série de ações repetidas que criam a ilusão de uma identidade coerente. A autora questiona a noção de que o gênero é algo inato ou biologicamente determinado, argumentando que ele é formado por normas culturais e sociais. Além disso, ela destaca a importância da subversão dessas normas, defendendo a ideia de que a liberdade de gênero só pode ser alcançada através da desconstrução das categorias tradicionais de masculinidade e feminilidade.

Diante das normas de gênero e sexualidade hegemônicas presentes na sociedade, pessoas que não se enquadram em tais padrões são expostas à exclusão, marginalização e violências em diferentes contextos, desde o âmbito familiar até ambientes educacionais, institucionais e de saúde (ZERBINATI e BRUNS, 2019). Ainda segundo os autores, a chamada transfobia se manifesta em diferentes formas de agressões verbais, psicológicas e físicas, chegando a taxas alarmantes de episódios letais. Este sofrimento que vem de fora gera também um sofrimento interno, levando grande parte da população que não se enquadra na cis-heteronormatividade a renunciar de sua identidade e potencial criativo referentes ao sexo e ao

gênero, buscando se enquadrar dentro das possibilidades vigentes (ZERBINATI e BRUNS, 2023).

Assim, no contexto da transgeneridade, a relação entre o corpo e a identidade de gênero pode ser complexa e trazer sofrimentos. Indivíduos não cis podem experimentar uma desconexão entre o corpo biológico e a identidade de gênero vivida, o que pode gerar conflitos internos e externos. Traçando um paralelo com Winnicott, nos questionamos se esses conflitos poderiam ser compreendidos como uma ruptura na integração entre as experiências corporais e a identidade do Self.

Antes de prosseguirmos, é importante salientar que o objetivo desta análise não é patologizar ou generalizar as experiências de gênero. As identidades trans não necessariamente estão associadas ao sofrimento psíquico ou físico, sendo que as vivências e possíveis enfrentamentos são subjetivos e individuais. Aqui, tentamos traçar uma análise experimental, arriscando um diálogo com a psicanálise winnicottiana, tema que nos parece pouco explorado até o momento. Para tanto, utilizamos um filme para ilustrar algumas vivências relacionadas ao assunto em questão, mais uma vez com a ressalva de se tratar de um recorte de tal realidade.

### **Filme girl (2018)**

"Girl" é um filme belga de 2018 dirigido por Lukas Dhont, que narra a história de Lara, uma adolescente transgênero de 15 anos que sonha em se tornar uma bailarina profissional. O filme retrata os desafios enfrentados pela jovem, enquanto ela passa por sua transição de gênero e luta contra as pressões sociais e emocionais. Ao mesmo tempo em que aprende a desenvolver a dança, aprende a acompanhar mais de perto as mudanças e expectativas de seu corpo-psíquico.

Lara reside com o pai, figura atenciosa e presente, e o irmão de 6 anos, com quem por vezes parece desempenhar o papel de mãe. Paralelamente aos desafios relacionados ao mundo da dança e da adolescência, ela enfrenta conflitos internos relacionados à sua identidade de gênero, bem como dificuldades externas, incluindo a incompreensão e a discriminação de seus colegas e da comunidade em geral. Embora o pai mostre-se presente e dê apoio aos processos de transição, Lara tem grande dificuldade em expor seus sentimentos e conflitos, mantendo uma postura tímida e educada, sempre afirmando estar bem. Repetidamente o pai busca estabelecer um cuidado, chegando a ofertar o holding físico quando necessário. Apesar

das poucas palavras, através de imagens do corpo e expressões faciais, o filme destaca o sofrimento e a agonia crescente da garota, que, além dos tratamentos médicos, chega a tomar medidas perigosas para modificar o corpo.

As vivências no ballet, mundo associado ao feminino, porém marcado por grande pressão de perfeição e estética, podem ilustrar conflitos da jovem. Se por um lado, neste local Lara pode se inserir em um grupo de meninas e expressar sua feminilidade, por outro lida com sofrimentos, diferenciação e enfrenta dificuldades em tal inserção.

Na escola de dança, a adolescente recebe treinamentos particulares de uma professora, que traz diálogos cheios de simbologia. Logo no início, ao treinar as pontas dos pés (que Lara provavelmente não havia praticado anteriormente tanto quanto as outras garotas, por ter iniciado no mundo da dança enquanto menino), a professora afirma: “Tem coisas que não dá pra mudar, não dá para arrancar um pedaço do seu pé”, trazendo uma alusão ao desejo de mudança corporal da jovem e os limites (ou não) de tal transformação.

Em outro momento, a treinadora a incentiva a se soltar: “dance, mexa-se com vida”. Pode-se pensar em um estímulo ao viver criativo, conceito de Winnicott sobre uma forma de experienciar o próprio corpo e a vida de forma autônoma e única, afinal é impossível elaborar nossas experiências sem o corpo, da mesma forma em que muitas vezes as memórias só são acessíveis através deste.

Já em diálogo com o pai, o mesmo traz a ideia do amadurecimento, integração e desenvolvimento da personalidade: “Você quer ser uma mulher imediatamente? (...) acha que eu era um homem assim quando nasci?”. A fala remete também ao postulado por Simone de Beauvoir – “Não se nasce mulher: torna-se”, referida por Butler (2003) como a ideia de desenvolvimento cultural do gênero, concluindo que se tornar mulher não tem necessariamente relação com ser biologicamente fêmea. Além disso, o excesso de autocobrança de Lara para tornar-se logo uma mulher remete a ideia de que a exigência de uma imposição maturacional na realidade inibe o desenvolvimento criativo do ser, interferindo em seu próprio processo maturacional. Nesse sentido, acompanhamos Lara imersa em espelhos de angústia e frustração sobre o tempo e o corpo que habita.

O longa traz em evidência o corpo, mostrando suas potências e fragilidades. Em diferentes momentos, o corpo de Lara é exposto, visto e tocado, tanto de forma violenta (quando outras bailarinas exigem vê-la nua), como por um cuidado pelos médicos que a acompanham. Winnicott, ao reiterar sobre a importância da corporeidade no desenvolvimento, aponta para a

necessidade de sermos vistos nus, tanto quando bebês, quanto como crianças ou adultos, afirmando que algumas pessoas dependem do médico para serem vistas. Enquanto médico e psicanalista, o autor considera importante poder examinar a criança tanto física como mentalmente, afirmando que “para algumas crianças é realmente importante que uma pessoa veja o corpo e a psicologia como uma coisa só” (WINNICOTT, 1948/2005, p. 46-47). Mais uma vez, pode-se pensar no paralelo que Winnicott traz sobre a sobreposição entre psique e corpo, o que não é inato, sendo necessário um desenvolvimento para que ocupem o mesmo espaço, isto é, corpo e mente passem a habitar as mesmas fronteiras.

O filme ilustra uma luta da jovem na busca de si mesma. Retomando o incentivo simbólico da treinadora “mexa-se com vida”, pode-se entender a jornada como uma busca pela continuidade do ser e a expressão do verdadeiro self, que só são possíveis através da criatividade. Apesar disso, em muitos momentos Lara se apresenta de forma apática ou contida, não demonstrando grandes emoções. Ao mirar-se cirurgicamente no espelho, aguardando a cirurgia de redesignação sexual, a personagem demonstra lidar com seu corpo de forma proibida e expõe sentimentos de inadequação à imagem refletida. Logo, como um corpo que não pode experimentar sua integralidade pode viver a profundidade afetiva?

Winnicott (1975) conceitua criatividade em contraponto à submissão a uma realidade externa. Para ele, viver criativamente é o estado saudável e faz com que o indivíduo sinta que a vida é digna de ser vivida. Já a submissão, onde o mundo e seus pormenores colocam-se como algo a que ajustar-se ou adaptar-se, está relacionada a um sentido de inutilidade e não importância da vida, sendo considerada a base doentia para a vida. Assim, a criatividade está relacionada ao próprio desenvolvimento do self, conforme apontado por Dias (2003):

Intimamente relacionada à espontaneidade básica- oposta à reatividade-, a criatividade originária participa da constituição do que será o si-mesmo unitário, visto que “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (si mesmo)” (WINNICOTT, 1975, p.80).

Segundo Lobo (2017), a sexualidade é construída, mas de “dentro para fora”. Traçando um paralelo ao desenvolvimento descrito por Winnicott, no qual, a partir da criatividade primária, o bebê cria o mundo que encontra, o autor aponta que a sexualidade- seja ela qual for - também é criada e encontrada, sendo a conquista da sexualidade um reflexo da autonomia sobre si mesmo.

No mesmo sentido, para Bezerra (2023), a criatividade está intrinsecamente relacionada à esperança. Segundo a autora, ao sentir que criou a si mesmo, aos objetos e ao mundo, experimentando a ilusão de onipotência, o bebê desenvolve a esperança, conceito não apenas relacionado ao futuro e realização de sonhos, mas à própria continuidade do ser. Esperança esta que, segundo Motta (2021, p. 21), “nos direciona para a confiança em encontrar o que se necessita, o que se busca”.

Quando tratamos da escuta analítica, temos Zerbinati e Bruns (2023) afirmando que “Adentrar no campo emocional é poder ouvir e reconhecer o sofrimento psíquico implícito na transexualidade” (p. 2), afinal Lara negava seu sofrimento, ao passo em que o atuava em seu corpo, seja ilustrado de forma metafórica no ballet, seja direcionando de maneira direta em seu órgão genital, o lesionando - aspecto caracterizado como disforia de gênero (DIG), no qual o sujeito expressa incômodo ou sofrimento perante a discrepância entre sua identidade de gênero e o sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Os autores endossam a discussão de que a identidade não está inscrita em alguma parte dos corpos, sendo tal crença sustentada pelas tecnologias que produzem subjetividades e engessam as reflexões sobre o tema. Em suas palavras temos que “Nesse sentido, o gênero, tal como foi construído historicamente, traz elementos de uma postura identitária imaginária, organizada a partir da fantasia de uma essência masculina ou feminina” (p. 3). Ou seja, nosso corpo pode mais do que o define e, além de tudo, é papel da psicanálise combater discursos normatizadores que produzem sofrimento, auxiliando o sujeito em seu percurso singular de tornar-se si mesmo.

## **Conclusão**

Voltemos à questão inicial: o que pode o corpo?

Para responder ao questionamento, pode-se refletir sobre o que é ou não permitido ao corpo, especialmente no que tange às questões de sexualidade e gênero, tema que não é novo, mas se destaca nos tempos atuais, seja nas diferentes mídias, redes sociais ou em nossas clínicas. Neste sentido, nos deparamos com grandes dificuldades, pressões sociais e violências, culminando em tentativas de adaptação às demandas externas, o que pode ser visto como submissão à realidade, forma não saudável de viver.

Por outro lado, pode-se interpretar o que pode um corpo na direção do “poder” como potência de sua estrutura e identidade. Desta forma, as diferentes expressões da

sexualidade e gênero podem se configurar como uma luta pelo direito à expressão da criatividade e da identidade pessoal. Afinal, se o soma é o corpo vivo que se personifica na temporalidade, habitado por uma psique, sua dimensão pulsional se dá através das experiências de vivacidade que o sustenta e transforma. Logo, as fronteiras corporais se estabelecem como fronteiras psíquicas, nos convidando a refletir sobre a territorialidade do corpo.

Diante da complexa tarefa de tornar-se si mesmo via estruturação de um verdadeiro Self, nos deparamos que em contextos de transgêneridade a relação entre corpo e identidade de gênero pode ser demarcada pela disforia, como no caso de Lara, ilustrado no filme *Girl*. Assim, podemos pensar nos atos, por vezes arriscados, da jovem Lara como um grito desesperado em busca da esperança. A ficção ilustra o sofrimento real de tantas crianças, jovens e adultos, sendo nosso objetivo repensar interpretações conservadoras e patologizantes, buscando não apenas uma compreensão, mas uma psicanálise inclusiva que, ao ouvir e reconhecer, possa favorecer os diferentes corpos a desenvolverem suas potências criativas.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, M. Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: Ideias a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott. Diss. Universidade de São Paulo, 2023.
- BUTLER, J. Problemas de gênero - feminismo e subversão de identidade (1990). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DA MOTTA, Ivonise Fernandes; DA SILVA, Cláudia Yaísa G. Esperança e Fases da Vida. Ideias e Letras, 2021.
- DIAS, E. O. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DE JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, p. 42, 2012.
- DOHNOT, L. (Dir.) (2018). *Girl* (Drama). Bélgica, 2018.
- FROCHTENGARTEN, Janete. Assinalando tempos, contornando espaços: sexualidade e metapsicologia em Winnicott. *Psyche* (Sao Paulo), São Paulo, v. 10, n. 17, p. 169-182, jun. 2006.
- JUNIOR, C. A. P. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 8, n. 4, p. 927-958, 2008.
- LOBO, Reinaldo. Qual o seu sexo?. *Ide*, v. 39, n. 63, p. 125-134, 2017.



SAFRA, G. A face estética do self. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

SAFRA, Gilberto. A clínica em Winnicott. Nat. hum., São Paulo , v. 1, n. 1, p. 91-101, jun. 1999.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In Da pediatria à psicanálise (pp. 269-286). Rio de Janeiro: F. Alves. (1978a. Originalmente publicado em 1945).

WINNICOTT, D. W. A mente e sua relação com o psique-soma. In Da pediatria à psicanálise (pp.409-426). Rio de Janeiro: F. Alves. (1978b. Originalmente publicado em 1945).

WINNICOTT, D. W. Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso. In D. Winnicott. In Explorações psicanalíticas (2ª ed., pp. 70-76). Porto Alegre: Artmed. (2005. Trabalho original publicado em 1974).

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar-só. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 31-37. (1998. Originalmente publicado em 1958)

WINNICOTT, D. W. A Criatividade e Suas Origens. In O Brincar e a Realidade. UBU Editora , 2019.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. Revista Periódicus, v. 2, n. 11, p. 195-216, 2019.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Desenvolvimento emocional na transexualidade: da ruptura patologizante ao matiz da criação e verdade subjetiva. Natureza Humana, São Paulo, v. 25, n. 1, Winnicott, pp.1-31, jan.- dez, 2023.